

# **NO CENTENÁRIO DE “ORPHEU”, SEM ESQUECER “A ÁGUIA”: ENTRE FERNANDO PESSOA E TEIXEIRA DE PASCOAES**

Renato Epifânio

Instituto de Filosofia - Universidade do Porto.  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto  
(351) 226 077 100 | [ifilosofia@letras.up.pt](mailto:ifilosofia@letras.up.pt)

**Resumo:** Na nossa comunicação, iremos problematizar o legado de “Orpheu”, desde logo estabelecendo a ponte com a revista “A Águia”, órgão do movimento cultural e cívico da “Renascença Portuguesa”.

**Palavras-chave:** “Orpheu”, “A Águia”, “Renascença Portuguesa”.

**Abstract:** In our communication, we will discuss the legacy of "Orpheu", immediately establishing the bridge to the magazine "A Águia", organ of cultural and civic movement "Renascença Portuguesa".

**Keywords:** “Orpheu”, “A Águia”, “Renascença Portuguesa”.

1. Comecemos por dizer o óbvio: o “Orpheu” foi, de facto, uma revista marcante. Foi uma espécie de cometa que atravessou e revolveu o panorama cultural da época – em apenas dois números, publicados nos dois primeiros trimestres de 1915. O terceiro já não viria a ser publicado, por razões financeiras, pandemia que, década após década, tem vitimado dezenas, senão centenas, de projectos culturais meritórios num país com um público culto tão escasso (cada vez mais escasso?) como o nosso.

Tendo sido uma espécie de cometa, não foi, longe disso, um “fogo fátuo”, tal a influência que exerceu nas décadas seguintes. Foi a primeira grande expressão, em Portugal, de uma vanguarda modernista que, agregou, entre outros, nomes como Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada-Negreiros ou Santa-Rita Pintor, nomes que ficaram para sempre associados à chamada “geração d'Orpheu”.

Foi, para além disso, o que para nós é particularmente significativo, uma revista de escala luso-brasileira. Pelo menos do ponto de vista institucional, já que veio à luz com dois directores: Luiz de Montalvôr, em Portugal, e Ronald de Carvalho, no Brasil. Saliente-se também a presença do então jovem António Ferro como editor da revista, o mesmo António Ferro que virá depois a ter o papel proeminente que se conhece durante o Estado Novo, desde logo no plano cultural, onde continuou a contar com a participação e o apoio dessa geração. Também por isso, 100 anos depois, o “Orpheu” continua a confundir os espíritos mais obtusos...

Para estes, como é sabido, o mundo é sempre simples e deve continuar a ser visto a preto e branco. À luz dessa grelha, o Estado Novo foi a negação da cultura em geral e da modernidade em particular. Decerto que sim, em alguns aspectos. Noutros, porém, e não menores, foi com o Estado Novo que essa modernidade anunciada pelo “Orpheu” se veio a afirmar – refira-se apenas, como exemplo maior, a obra de Almada Negreiros apoiada pelo regime. O que concluir daqui? Desde logo, que o mundo, felizmente, é sempre mais complexo do que julgam aqueles para quem o mundo deve continuar a ser visto a preto e branco.

2. Tal como a revista “A Águia”, também o “Orpheu” provocou as mais ericadas reacções. Comecemos por recordar, para depois estabeleceremos essa ponte, algumas reacções em relação à revista “A Águia” e, por extensão, ao movimento cultural e cívico de que a revista “A Águia” foi a grande expressão...

Ao lermos, por exemplo, o *Inquérito Literário* promovido por Boavida Portugal nas páginas do jornal *A República* e depois coligido em livro<sup>1</sup>, ficamos com uma excelente panorâmica do ambiente cultural da época, confirmando, mais especificamente, o carácter assaz controverso do movimento da “Renascença Portuguesa”.

Tomemos, desde logo, como exemplo a primeira resposta a esse mesmo *Inquérito*, de Júlio de Matos – diz-nos ele que

“uma literatura, como a deles [da “Renascença”], que se faz panteísta, que préga naturalmente o regresso á vida simples, á vida patriarcal, ao campo, que nos aconselha a voltar para traz, quando as outras nações teem toda a sua atenção posta no futuro, encarando-o altivamente, não na atitude do Desterrado, mas em atitude de marcha, essa literatura é uma excrescência do passado, não póde viver”<sup>2</sup>.

É certo que, no âmbito desse mesmo *Inquérito*, houve quem tivesse rebatido essa perspectiva “passadista” da “Renascença”, como alegadamente aparecia expressa na revista “A Águia”, órgão por excelência do movimento. Eis, nomeadamente, o caso de Jaime Cortesão, que, de resto, não apenas rebate Júlio de Matos<sup>3</sup>, como apresenta, pela positiva, a matriz da “Renascença”<sup>4</sup>.

O mesmo, de resto, será reafirmado pelo próprio Teixeira de Pascoaes, decerto a figura mais emblemática da “Renascença Portuguesa”. Expressando a sua “esperança de ressurgimento pátrio”<sup>5</sup>, defende, no essencial, que a “Renascença Portuguesa” não é mais do que um instrumento para promover esse ressurgimento<sup>6</sup>, o qual, visando o

---

<sup>1</sup> Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1915.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 19.

<sup>3</sup> Cf. *Ibid.*, pp. 163-164: “O conceito de Saudade que aparece na *Águia* é outro bem diferente. A Saudade, como síntese psicológica e o saudosismo é criação individual do poeta Teixeira de Pascoais, que aliás acho formosíssima e cheia de profunda verdade. É pois a êle que compete a sua defesa, se é que este termo tem aqui algum cabimento. No entanto devo dizer-lhe para contraditar a definição do sr. Matos, que no conceito de Pascoais a Saudade envolve Esperança, esforço criador, entusiasmo religioso e voluntariosa continuidade afectiva./ Esta Saudade não é «um sentimento depressivo» nem «a recordação de uma pessoa querida que nos faltou» (que coisa tão chôcha!), e cultivá-la não é «amarrar-se ao passado, alimentar um estado mórbido, ajudar a definhar mais a raça», é antes elevar a Raça á consciencia activa das suas mais altas virtudes, é levantá-la ás suas mais sublimes culminancias, arreatá-la no impeto da sua antiga audacia, erguendo-lhe a vontade pelos seus mais genuinos sentimentos para as realizações do Futuro.”

<sup>4</sup> Cf. *Ibid.*, p. 165: “um dos fins que se propõe a «Renascença Portuguesa» é precisamente combater o estrangeirismo, revelar ao nosso Povo o Espirito Lusitano, e quando igualmente ninguem de boa fé pôde afirmar que o grupo de escritores da «Renascença Portuguesa» sofra de qualquer influência estrangeira”.

<sup>5</sup> Cf. *Ibid.*, 187.

<sup>6</sup> Cf. *Ibid.*, p. 177-178: A «Renascença Portuguesa» tem, portanto, um fim e um alto critério filosófico e religioso que a dirige e anima. E ao mesmo fim e ao mesmo critério obedece a nova Poesia portuguesa, que representa a primeira afloração do espírito da Raça. Sim: há um renascimento literário iniciado pelos poetas que mencionei na minha resposta ao inquérito da *República*. E o numero e o valor destes poetas são o bastante para se poder afirmar que existe, no momento actual, uma nova alma pátria que é a antiga alma renovada e plenamente revelada, ainda no seu aspecto transcendente e poético, mas

reencontro com aquilo que nos é mais próprio, nas palavras do próprio Pascoaes, “não rejeita o que haja de bom e util nas sciências estrangeiras. O seu lusitanismo intransigente não vai além do campo religioso e artístico”<sup>7</sup>.

Daí, aliás, toda a extensão deste movimento – operando, desde logo, no plano artístico e religioso (recordemos que Pascoaes chegou a propor uma “religião lusitana”, independente da Igreja de Roma), ele tem uma abrangência cultural e cívica que faz com que seja necessariamente redutor analisá-lo como um movimento apenas artístico ou literário. A esse respeito, referindo-se à “Renascença”, e ainda em resposta a Júlio de Matos, fala Raul Proença de “um ‘movimento de educação nacional’, e não de uma renascença literária”<sup>8</sup>.

3. Em comparação com as reacções provocadas pela revista “A Águia”, as reacções provocadas pela revista “Orpheu” não foram menos ericadas – daí a significativa alusão, por parte de Fernando Pessoa, às “referências desagradáveis que a imprensa portuguesa nos tem feito”, numa carta ao poeta Camilo Pessanha:

“Sou um dos directores da revista trimestral de literatura Orpheu. Não sei se V. Ex.<sup>a</sup> a conhece; é provável que não a conheça. Terá talvez lido, casualmente, alguma das referências desagradáveis que a imprensa portuguesa nos tem feito. Se assim é, é possível que essa notícia o tenha impressionado mal a nosso respeito, se bem que eu

---

que amanhã será perfeito pensamento definido e fecunda actividade. Há uma nova alma lusitana revelada pela nova Poesia. E só não reconhecem esta consoladora verdade os velhos espíritos empedernidos em velhos preconceitos e alguns novos espíritos (aliás de valor) afastados da sua Raça, porque não sabem ou não querem reagir contra o meio português adulterado por alguns séculos de subordinação a Roma e a Paris.”

<sup>7</sup> Cf. *Ibid.*, p. 180.

<sup>8</sup> Cf. *Ibid.*, p. 198. Não escamoteando as já referidas divergências internas – ainda nas palavras de Proença: “no fim de alguns numeros — muito poucos — o que veio a predominar na *Aguia* não foi o lado intelectual da Renascença, mas a sua falange emotiva, mística, amorosa de sonho e de misterio. Por culpa dos elementos do sul, a Poesia tinha tomado posse da *Aguia*, da primeira pagina até á ultima; por culpa dos elementos do sul, a Renascença Portuguesa falhara completamente na sua missão./ O «saudosismo» a que se refere o snr. dr. Julio de Matos foi assim um elemento *sur-ajouté* e de modo algum orgânico e primitivo da Renascença Portuguesa./ Manda porém a inteira justiça que se diga que nêsse «desvio» da orientação de uma sociedade não cabem só graves responsabilidades á inércia culposa dos meridionais; o snr. dr. Teixeira de Pascoais, logo no 1.<sup>o</sup> numero, por um evidente equívoco (que do mais é incapaz a sua bellissima alma, cheia de tão profunda emoção e de tão humana simpatia) acentuava já êsse desvio nestas palavras do editorial: «É na Saudade *revelada* que existe a razão da nossa Renascença; nela ressurgiremos, porque ela é a própria Raça original e criadora»./ Isto era a antítese do espirito que animava os elementos do sul; poderiam êstes ter feito entrar o movimento na trajectória que lhe competia; a sua inércia porém era absoluta; por isso, dentro em pouco, a Renascença ficou limitada aos seus elementos «saudosistas» e o tom predominante na revista foi o tom «saudosista»./ O autor destas linhas, e alguns outros do sul, muito poucos, que tinham querido actuar, desligaram-se então completamente da Renascença, ainda que continuando a auxiliar a sustentação da Revista, que tem publicado, dentro do seu espirito, coisas realmente interessantes.” [*ibid.*, pp. 123-124].

faça a V. Ex.<sup>a</sup> a justiça de acreditar que pouco deve orientar-se, salvo em sentido contrário, pela opinião dos meros jornalistas. Resta explicar o que é Orpheu. É uma revista, da qual saíram já dois números; é a única revista literária a valer que tem aparecido em Portugal, desde a Revista de Portugal, que foi dirigida por Eça de Queirós. A nossa revista acolhe tudo quanto representa a arte avançada; assim é que temos publicado poemas e prosas que vão do ultra-simbolismo ao futurismo. Falar do nível que ela tem mantido será talvez inábil, e possivelmente desgracioso. Mas o facto é que ela tem sabido irritar e enfurecer, o que, como V. Ex.<sup>a</sup> muito bem sabe, a mera banalidade nunca consegue que aconteça. Os dois números não só se têm vendido, como se esgotaram, o primeiro deles no espaço inacreditável de três semanas. Isto alguma coisa prova – atentas as condições artisticamente negativas do nosso meio – a favor do interesse que conseguimos despertar. E serve ao mesmo tempo de explicação para o facto de não remeter a V. Ex.<sup>a</sup> os dois números dessa revista. Caso seja possível arranjá-los, enviá-los-emos sem demora.”<sup>9</sup>

Tanto por aquilo que diz, esta carta é igualmente significativa por aquilo que omite: falamos ainda, claro está, da revista “A Águia”, onde Fernando Pessoa publicou os seus primeiros textos, em 1912: “A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada”, “Reincidindo...” e “A Nova Poesia Portuguesa no Seu Aspecto Psicológico”. Saliente-se que, na citada carta, Fernando Pessoa refere-se ao “Orpheu” como “a única revista literária a valer que tem aparecido em Portugal, desde a Revista de Portugal, que foi dirigida por Eça de Queirós” – ou seja, Fernando Pessoa dá aqui um salto histórico, passando de 1889, data de lançamento da “Revista de Portugal”, para 1915, como se nada entretanto de relevante tivesse acontecido... Verdade que Teixeira Pascoaes lhe pagou na mesma moeda. Na última entrevista que concedeu<sup>10</sup>, reduz o poema *Tabacaria* a uma mera “brincadeira” – nas suas palavras: “Veja a *Tabacaria*: não passa duma brincadeira. Que poesia há ali? Não há nenhuma, como não há nada... nem sequer cigarros!... Fernando Pessoa tentou intelectualizar a poesia e isso é a morte dela. É roubar o espontâneo à Alma Humana, isto é, o que ela tem de Alma Universal ou de poder representativo da realidade. Veja o poema (o poema?!) que começa ‘o que nós vemos das coisas são as coisas’... Isto não é poesia, nem filosofia, nem nada.”. E, por isso, chegou a considerar Pessoa como um “não

---

<sup>9</sup> Fernando Pessoa, “Carta a Camilo Pessanha”, in *Correspondência 1905-1922*, edição de Manuela Parreira da Silva, Lisboa, Assírio & Alvim, 1998, pp. 184-185.

<sup>10</sup> Publicada n’ *O Primeiro de Janeiro*, em 25 de Maio de 1950; republicada, mais recentemente, in T. Pascoaes, *Ensaios de Exegese Literária e vária escrita: opúsculos e dispersos*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2004, pp. 249-253.

poeta” – nas suas palavras: “Repare: não digo que foi mau poeta. Digo que não foi poeta, isto é, nem bom nem mau poeta. E se foi poeta, foi-o só com exclusão de todos os outros, desde Homero até aos nossos dias...” –, inclusive, como um mero “ironista” que, enquanto tal, não se deve tomar a sério<sup>11</sup>.

4. Como já defendemos num outro texto<sup>12</sup>, não entendemos estas palavras como um sintoma de despeito ou de ressentimento. De modo algum. Pelo contrário, consideramos que, vindas de Pascoaes, estas são palavras inteiramente justas, por mais injustas que, em absoluto, as possamos considerar. E isto porque, atendendo ao Poeta que Pascoaes foi, Pessoa só poderia aparecer-lhe como um “não poeta”, nem sequer como um “meio poeta”. Para o Poeta que Pascoaes foi, poeta integralmente poeta, não poderia haver, de resto, “meios poetas”. Ou se era integralmente poeta, como, de facto, Pascoaes foi, ou, muito simplesmente, não se era...

E porque foi Pascoaes integralmente poeta? A nosso ver, por uma simples mas ainda assim suficiente razão: porque acreditava, integralmente, naquilo que escreveu, naquilo que dizia. Quando falava, por exemplo, dos deuses ou dos anjos, Pascoaes, com efeito, acreditava neles, no seu discurso, acreditava tanto no seu discurso que acreditava que, através dele, essas entidades passavam realmente a existir. Realmente. Como se, de facto, o discurso poético fosse um discurso realmente divino, realmente criador. Como se, de facto, ao serem nomeados poeticamente, mesmo as entidades mais fantasmáticas passassem realmente a existir. Ao lermos as suas obras, ao lermo-las em voz alta, sobretudo, também nós acreditamos, ainda que apenas por uns momentos, nisso, nesse poder criador.

Ora, em Pessoa, isso não acontece. Pessoa era demasiado “filosófico” – diremos mesmo, demasiado “inteligente” – para acreditar integralmente no seu discurso. Entre ele e o seu discurso havia sempre uma “cisão”, uma “distância”, uma “distância crítica”, que impossibilitava essa crença. Mesmo nos seus poemas mais arrebatados, como a *Mensagem*, essa distância paira, como uma ubíqua sombra. Não conseguimos, de resto, imaginar Pessoa a ler em voz alta a sua *Mensagem*. No princípio, no meio ou

---

<sup>11</sup> Ainda nas suas palavras: “Considero, sim senhor, Fernando Pessoa um grande talento. Mais: afirmo que como crítico e como ironista não houve outro que o igualasse. Nem o Camilo nem o Eça, nem o Fialho (que, quando atingia o máximo da expressão, era superior ao Camilo e ao Eça). Mas depois veio Fernando Pessoa, e foi o mais genial de todos (tão genial, que o tomaram e tomam a sério, o que não aconteceu aos outros).”.

<sup>12</sup> “Entre Pascoaes e Pessoa”, in AA.VV., *Entre Filosofia e Literatura: ciclo de conferências*, (org. de Celeste Natário e Renato Epifânio), Lisboa, Zéfiro, 2011, pp. 129-130.

no fim, haveria sempre, fatalmente, um sorriso de ironia, que, por mais leve que fosse, destruiria, por completo, o poema. Em Pascoaes, ao invés, mesmo quando ele é irónico, não há ironia, essa ironia. E, por isso, muito justamente, Pessoa era, para Pascoaes, um “não poeta”.